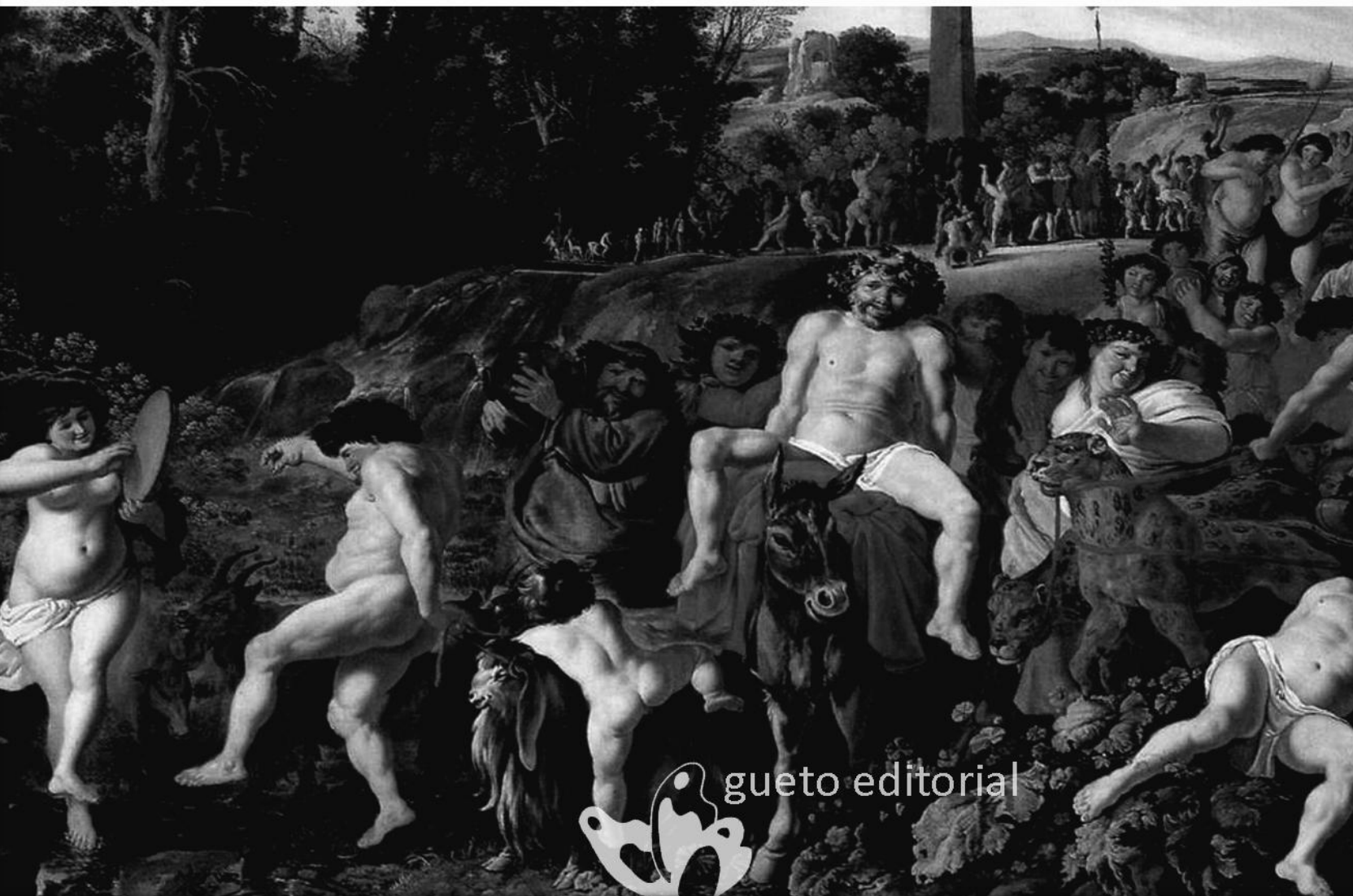


especial de carnaval



Carnaval

ESPECIAL 2018



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© revista gueto, 2018

Davi Araújo | Maria Amélia Mano | Alexandre Brandão | Andri Carvão | Maria da Glória Costa Bomfim | Rafael Vieira | Tiago Feijó | Drielle Alarcon | Valeska Torres | Jozias Benedicto | Alessandra Barcelar | Maurício Angelo | Pedro Teixeira | Felipe Teodoro | Rojefferson Moraes | Rodrigo Novaes de Almeida | André Mellagi | Geovanne Otavio Ursulino

Especial Carnaval 1

Selo Gueto Editorial ® 2018

Organização, edição e projeto gráfico

Jerome Knoxville

Organização, edição e revisão

Amanda Sorrentino

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

Sumário

prosa

Jozias Benedicto | 06
Alessandra Barcelar | 13
Rodrigo Novaes de Almeida | 15
André Mellagi | 17
Maria Amélia Mano | 19
Tiago Feijó | 21
Drielle Alarcon | 25
Maurício Angelo | 28
Maria da Glória Costa Bomfim | 30
Felipe Teodoro | 33

Rojefferson Moraes | 36
Alexandre Brandão | 38
Pedro Teixeira | 42
Rafael Vieira | 46

poesia

Geovanne Otavio Ursulino | 53
Davi Araújo | 56
Valeska Torres | 58
Andri Carvão | 60

prosa

⊙

Jozias Benedicto | Escritor e artista visual, vive e trabalha no Rio de Janeiro, onde concluiu, pela PUC-Rio, a especialização em Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo. Como artista visual, participou, entre outras mostras, da XVI Bienal de São Paulo (1981). Recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais 2014 por seu segundo livro de contos, *Como não aprender a nadar* (Editora Apicuri, 2016). Seu primeiro livro de contos, *Estranhas criaturas noturnas* (Editora Apicuri, 2013), foi finalista do Prêmio SESC de Literatura 2012/2013. O conto “Manhã de Carnaval” foi publicado em *Estranhas criaturas noturnas* (Editora Apicuri, 2013).

manhã de carnaval

1.

Já estava pronta pra sair com minhas amigas quando ele ligou. Nunca liga em fins de semana, feriados, muito menos em Carnaval, a mulher dele adora escola de samba e sempre saem juntos. Deixei tocar, uma vez, duas, três, cinco, sete vezes, atendi antes de cair na caixa de entrada. Merda, ligação a cobrar, desliguei. Contei três minutos e liguei, atendeu de primeira: “Tudo bem? Vai fazer o quê?”

“Vou sair com minhas amigas, já tou saindo.”

“Posso ir pra aí?”

“Agora?, não dá, já tou saindo”. Respiro fundo. Não pode estar falando sério, hoje a escola deles sai, ele e a mulher juntos, sempre. Silêncio.

“Quero te ver, depois do desfile, vou pra tua casa, sai com tuas amigas, mas me espera em casa depois do desfile.”

Tá quente. Minha maquiagem começa a derreter com o calor. Conto até dez, devagar. “Olha, cara, não tou a fim de levar outro bolo teu, sai com tua mulher e depois vai pra casa com ela, tou a fim de me divertir no Carnaval”.

“Eu dou um perdido nela e vou pra tua casa. Tou com saudade, tou com tesão, quero te ver. Tudo bem?”

Conto até dez, de novo, desta vez mais devagar. “Pode ser. Me liga então depois do desfile, se eu estiver sozinha pode ser, não garanto nada.”

Na TV, o desfile da escola deles, vejo sem prestar atenção, não quero descobrir ele e a mulher em uma daquelas alas cafonas, quero só marcar o tempo em que talvez ele consiga dar um perdido na mulher e talvez consiga me ligar e talvez consiga vir até minha casa onde estou esperando nua e suada em frente à TV, olhando sem atenção um desfile de escola de samba igual a tantos outros e pensando que é a última vez.

Durmo com a TV ligada, uma escola, outra escola, a deles já passou há muito tempo e antes de dormir decido que nunca mais atendo ligações dele, eu devia é ter saído com minhas amigas, adormeço e sonho com uma escola de samba que é um altar e onde o Papa é o destaque e coroinhas em uma coreografia estranha fazem a comissão de frente. Sonho estranho. Ele não vem mais, penso em meus sonhos, e tenho saudade dele, tenho saudade dele em meu corpo.

O dia mal amanhece, a TV ainda ligada, toca meu celular, não é um número conhecido, é alguém que liga de um fixo, talvez de um orelhão, acordo com sono, não vou atender, atendo, uma ligação a cobrar, merda, desta vez eu aceito, e entra a voz dele. “Oi, meu amor! Estou bêbado, meu celular tá sem bateria, tou sem dinheiro, quero te ver, quero você, posso ir?” Que saco, penso. “Não precisa vir, vai pra tua casa, cadê tua mulher?” A voz dele é rouca, as mãos são grandes e ásperas, o corpo dele é quente e depois que transamos ele dorme feito uma criança. A voz surda, de bêbado, de criança, diz “por favor”. Eu respondo, “tudo bem, pega um táxi, te espero na portaria com o dinheiro pro táxi, vem rápido, tou cansada, fiz loucuras no bloco”. Mentira. Desligo o telefone e me pergunto, como continuo sendo tão idiota?

Vinte minutos, imagino, de lá do sambódromo até aqui, ou trinta minutos no máximo. Com calma, tomo um banho, limpo a maquiagem que derreteu, faço um café, arrumo a cama,

me visto, desço antes dos tais vinte minutos contados, ainda é muito cedo, o dia nem amanhece, o porteiro ainda não chegou, levo o celular e o dinheiro e espero. Trinta minutos, quarenta, quarenta e cinco, cinquenta minutos. Uma hora. Outro bolo, penso. O entregador de jornais chega no prédio e joga sua carga. A portaria é quente, saio para a rua, nada, um amanhecer com poucos ônibus. Uma hora e dez minutos, cansada, vou subir pra casa, dormir e esquecer, uma hora e vinte minutos, uma hora e meia e para um taxi, ele sai do táxi vitorioso, bêbado, acenando para mim com uma fantasia de herói grego com plumas amarelas, vou até ele, o motorista parece que está bêbado também, pago a corrida e vamos pra casa, ele está bêbado e a voz mais rouca ainda, me abraça e me beija na portaria, já no elevador tira pra fora o pau duro, as câmeras eu digo mas ele nem liga, tudo bem, tudo bem, ele vai arrancando a fantasia de herói e deixando pelo caminho as plumas amarelas, o lamê, a sunga, ele não quer beber o café, e caímos então na nossa cama e foi bom, foi muito bom foi uma das melhores vezes, eu

Onze horas da manhã, acho, um pouco mais ou um pouco menos, calor, a cama desfeita e o herói grego nu dormindo abraçado comigo. Foi muito bom. Acordo aos poucos, está nu e é uma criança que me abraça forte como se fosse me prender para sempre, sei que não é assim, aos poucos saio do abraço dele e vejo o relógio, vejo as mensagens no meu celular, falo no ouvido dele baixinho “querido, é tarde, meio-dia, tá na tua hora”. Não responde, meio acordado do sono, mas quer de novo, me fala “quero você”, diz mais coisas, ri, digo coisas, rimos, nos beijamos, transamos de novo e voltamos a dormir,

2.

Nós, eu e ele, desfilamos juntos na nossa escola, maravilhosa; eu, ele e nossos amigos, uma ala só de gregos, os homens vestidos de heróis, as mulheres de musas, todos com muitas plumas amarelas, as cores da escola e outras cores, foi muito bom, e a gente tinha combinado depois do desfile ir pra nossa casa com os amigos, na confusão me perdi dele, quando vi estava eu em casa recebendo os amigos todos, os gregos as musas, com cerveja bem gelada que ele tinha comprado e colocado no freezer, eu sozinha servindo as cervejas, achei que ele vinha em outro táxi e nada de ele chegar, aí caiu a ficha, ou ele me deu um perdido ou. Outra escola na TV e ele não chega, outra escola e também não, eu nervosa tentando disfarçar, todos indo embora como se eu fosse uma leprosa, a mulher abandonada. Ninguém perguntou por ele, ninguém teve coragem, pois se perguntasse, ia ouvir. Amanheceu, comecei a me preocupar, tirei a roupa de grega e fui até a delegacia. Pedi a minha amiga pra ir comigo e falei, “vim dar queixa de um desaparecido”. O delegado ou inspetor não me deu muita atenção, mas perguntou, “senhora, como foi o desaparecimento?” Conteí: “Saímos juntos. Na escola. Terminado o desfile. Táxis. Combinamos de nos encontrar na nossa casa, com os amigos. Os amigos vieram. Ele não apareceu”. O delegado ou inspetor, burocrático, “senhora, só podemos registrar o desaparecimento depois de 24 ou 48 ou 96 horas”, eu nem entendi direito, “eu queria registrar agora”, ele boceja “talvez seu marido esteja seguindo um bloco”. Respondi levantando a voz, “o senhor não conhece meu marido, ele é um pai de família muito responsável, um profissional exemplar, ele não ia sumir sem motivo, talvez tenha tido um acidente, talvez tenha sido sequestrado, precisamos encontrá-lo”. Ele disse, “senhora, volte amanhã e registraremos sua queixa, espero que isto a conforte, 99% dos desaparecidos voltam para casa nas primeiras 24 horas de desaparecimento”.

Eu ia gritar, ia fazer um escândalo, mas minha amiga me puxou, “vamos para casa, ele vai voltar, você sabe que ele sempre volta.” Sempre volta. Não me restou nada a fazer a não ser chorar, chorar, chorar, como se fosse a primeira vez. Chorar. Primeira vez.

3.

Ele continua do meu lado, na minha cama. Fiz um café da manhã bem gostoso e trouxe pro quarto, comeu tudo como um morto de fome, como um sambista um herói cansado.

Meio dia, duas da tarde, quatro horas, seis, sei lá que horas. Bom estar com ele abraçado comigo, mãos enormes, mas é tarde, acho, pergunto, “não tá na hora de você voltar, de ir embora?”, nem me ouve, uma criança, quer meu corpo e eu quero o corpo dele, quero ele pra mim todo, só pra mim, todo, um dia quem sabe?

Acorda, lembra que o celular está sem bateria, pede meu carregador, e começam os avisos de mensagens, de ligações perdidas, de recados de voz. Dezenas, centenas talvez. Falo: “Tua mulher deve estar preocupada, se quiser ligar pra ela, tudo bem, e não tá na tua hora?” Não responde, me beija, tomamos banho juntos. Alguma coisa leve pra ele comer, capricho na cozinha, ele uma vez deixou escapar que a comida da mulher é sem gosto, mas comigo a fome é de um lobo ou de um herói grego. Já é noite, ligo a TV, “você não vai pra casa?” Diz que não, que quer ficar comigo esta noite. Esta noite, e penso em

Bem cedo, já desperto e de banho tomado, veste a sunga e me pede uma camiseta e uma sacola pra levar a fantasia. Faço outro café, suco de laranja, torradas, frito um ovo, ele precisa se alimentar e na casa da mulher não deve ter nada, na frigideira derreto pedaços de queijo e misturo com o ovo. Pede o *ketchup*. Ficou comigo um dia inteiro e uma noite inteira, 24 horas, sem tédio, só a voz rouca e as mãos pesadas em meu corpo. Talvez. Mas tem que ir

embora, vou com ele pra abrir a portaria, nos despedimos com um beijo. Um batuque ao longe, ainda é Carnaval em algum lugar e ele segue na direção do ponto de ônibus.

Quando fecho o portão o porteiro está chegando e me cumprimenta: “Bom dia, senhor Geraldo”. Não respondo, um dia entro com um processo contra o porteiro e a síndica, tenho meus direitos, a síndica é que faz isso tudo contra mim, me persegue, me discrimina, me humilha, obriga os porteiros a continuarem me chamando de senhor Geraldo quando todos sabem que meu nome agora é Soraya. Dona Soraya.

Alessandra Barcelar | Historiadora, vive em São Paulo, onde nasceu e atua na área de Gestão Hospitalar e Economia da Saúde. Colaborou para revistas de literatura como Amálgama, Benfazeja, Subversa e Mitografias. Atualmente integra o projeto de leitores voluntários no Instituto de Infectologia Emílio Ribas e Contadores de histórias na Rede Social Senac.

mardi gras

O dia já está amanhecendo

Não vou me matar, mas sei que preciso suportar algumas feridas.

Já fiz as malas, não atravessei o vão da porta, mas lá fora a incerteza me engole em seus desconcertos. Pelo contar do tempo, já passa da minha hora, o relógio marca a vã procura do que não adequamos. O silêncio mastigou todas as nossas expectativas. No percurso entre a sala e a cozinha as garrafas de cervejas vazias são os únicos vestígios da noite passada.

No criado mudo, as chaves, o último gole de vinho e a fumaça do cigarro planando sobre o cinzeiro. De nítido, apenas o desconforto de monologar com as ausências. Amamos outrora com ardor suficiente para sonhar uma convivência infinita, mal sabíamos que em 10 anos o amor não tem mais o que dizer

(dizer o quê?)

Um último olhar para o quadro na parede (Jesus nos braços da virgem Maria, sempre acalmava meus medos), enquanto lá fora ainda é carnaval.

Difícil enquadrar o futuro, numa realidade em que perdi o tempo correndo atrás de prazos e metas, entretanto de malas nas mãos, finalmente vejo que só alcancei a mim mesma.

Um último aceno para casa onde vivi nos últimos anos, a toalha branca, o jarro sem flor, duas xícaras sujas de café, farelos de pão; na pia, restos da última refeição. No espelho meu reflexo parece com o teu olhar dizendo: Acabou!

No fogão, apenas o chá de camomila para acalmar o que sobrou da partida.

Rodrigo Novaes de Almeida | Escritor,
editor e jornalista. Autor de *Carnebruta*
(contos, Editora Oito e Meio e Editora Apicuri,
2012) e *A construção da paisagem* (crônicas,
com Christiane Angelotti, Editora Sapere,
2012), entre outros. Twitter: [\[link\]](#)

o pierrô e a colombina

“Um pierrô apaixonado, / que vivia só cantando, / por causa de uma colombina / acabou chorando, acabou chorando.”

(Heitor dos Prazeres e Noel Rosa, na marcha carnavalesca Pierrô Apaixonado)

Ele pediu um beijo, mas ela não quis dar. Não que não quisesse, só que ele tinha que se esforçar mais, pensava ela, se ele queria realmente aquele beijo, afinal de contas, ela era uma colombina, tinha obrigação de fazer jus à fantasia. E assim iam juntos acompanhando o bloco. Ele pedia. Ela recusava. Ele fazia cara de dó. Ela sorria, apenas sorria. Caía muita água do céu. Já era terça-feira de carnaval. Último dia, pensava ele, e vou ficar sem o beijo dessa menina linda. Amanhã restarão os despojos e a chuva já era indício do fim. Era chuva para limpar a alma da cidade, como todos os anos, após os festejos. Só que veio cedo desta vez, fazer o quê. Acabaria o verão, acabariam os sonhos, as fantasias. Seriam cinzas de um amor que passou. Um amor inventado. Porcaria de chuva, era para vir somente na quarta-feira, assim praguejava, enquanto olhava para a menina linda que sorria para ele e lhe negava o beijo. Então vou embora, disse, num ímpeto próprio de labaredas de fogo, o que tornava ainda mais ridícula a sua roupa de pierrô. Vai, disse ela. Olha que vou, ameaçou. Não estou segurando você, vai! Eu sou uma colombina, não darei bola para um simples pierrô, disse a menina, cheia de graça. Ele se virou e começou a andar na contracorrente daquele mar de gente, confetes e serpentinas. Não viu a súbita tristeza no olhar da menina. Mas depressa, outro, um serafim, abordaria ela. Para o pierrô, o templo de faz-de-conta se fechara. Ainda ouviu de longe um batuque. Percebeu também um beija-flor entre as árvores. Talvez significasse um prenúncio bom. Quem sabe? E curandeiras para coração partido que lamuriavam na calçada. Eram essas as sentinelas do povo, o mesmo povo que se faz nobre-azul na folia dos carnavais. Ele olhou para elas. E elas olharam para ele. Olharam através dele. Logo atrás. Ele então se virou e viu a menina linda dando um tchauzinho para o serafim e vindo correndo em sua direção. Ele olhou novamente para as sentinelas do povo na calçada e elas davam boas risadas. Eram as curandeiras para coração partido, precisavam de boas risadas de vez em quando. A menina linda se aproximou e disse logo: toma o beijo, pobre pierrô. E ele pegou o beijo. Um beijo salgado de chuva, um beijo de colombina para purificar, com alegria e amor, o mundo.

André Mellagi | Nasceu em São Paulo, é psicólogo com doutorado em Psicologia Social e escritor. Lançou em 2017 seu primeiro livro de contos, *Bricabraque*, pela Editora Patuá, coletânea que foi obra pré-selecionada no Prêmio Sesc de Literatura de 2016. Participou de antologias e de publicações literárias online, como Gueto, Diversos Afins, Pulp Fiction, Mallarmagens e Subversa.

quarta-feira de cinzas

Hoje os confetes já não voam e amontoam-se promíscuos pelo meio-fio. Pequenas lâmpadas enroscadas nos postes da praça já não desfilam suas fantasias de supernovas, queimadas após o brilho intenso da noite. O vento flauteava seu murmúrio por entre os becos levantando lantejoulas que se escondiam do dia. A marcha sob a regência dos corações havia bombeado pelas artérias da cidade síncope de dança frenética, onde bacante bêbada e pintada no rosto esbarrava por entre foliões, entoando seu dialeto bárbaro e recomeçando o toque no tambor.

Os cacos verdes de garrafas que libertaram o gênio agora aprisionam a luz vacilante da manhã. Em tudo impregnava o esquecimento numa mistura de êxtase e sono. As taças de plástico amassadas ainda escondem vestígios de suor e saliva comungados. A purpurina dos andróginos sorridentes foi diluída na multidão de rostos anônimos que entrecruzava olhares estreitos. Aos poucos o cardume se dispersou em bandos cansados de piranhas donzelas, pouco afeitas com o salto alto, de botos perdidos, esquecidos de seus chapéus.

Ali, no chão de pedras lisas da praça, rodopiou a calunga. Súditos com fitas coloridas pendendo das cabeças e dos estandartes aguardavam a majestade. Restos da indumentária de uma rainha espalham-se por entre os cantos batizados em sangue, urina e sêmen. Nem o mendigo estava mais no seu trono de ripas de madeira de uma caixa fortuita, de onde pôde rir do doutor vestido igual a ele, mas ridículo sem a classe dos seus andrajos de manga três quartos.

A praia marulhava solta sem ser calada pelos artifícios da artilharia lançados à noite por pequenas embarcações iluminadas, que formavam rápidas constelações captadas pelo astrolábio. As mariposas libertam-se e o mar engole as crisálidas manchadas de clorofórmio. Uma mulher, com seus parangolés fora de época e lugar, recolhe as últimas latas de cerveja. Esta manhã todos dormem e os gritos das úlceras ainda adormecem no tique-taque de bombas-relógio.

Maria Amélia Mano | Médica comunitária,
trabalha na periferia de Porto Alegre. Organiza,
em parceria com a comunidade, projetos de
narrativas e memórias.

arranha-céu

Amaciar a carne dura de segunda para a sexta. A semana era Ana e era Ana. Erros, Amuitos, um atrás do outro. Esquecera de todos, mas sabia que existiam e que o mundo é o que é por eles, os erros. Na janela da quitinete, a cortina de renda sem sentido e sem combinação. Na televisão, programa de viagem mostrando o Mar Morto. Não fazia sentido, Mar Morto, marmota! E muda para o canal rural: esterco, estrume, adubo. Mais uma tentativa: canal de igreja, templo e tempo perdido. Sente o destino chamar. Muitas vezes chamou e nunca foi. Ou foi pela metade ou por medo, ou por Ana. Ana, a namorada de infância. Larga a carne dura de segunda na mesa e o canal da tevê em música de louvor. Centro da cidade, desce pelo elevador, 12 andares. É carnaval e todos usam alguma fantasia. Um bloco de rua passa e canta Aurora. Arranjo, desarranjo, anjo jogando água nos passantes, passistas de algum desconhecido andar. Andar e andar, Aerovaldo assim é, só andar. Uma bailarina rodopia na calçada e um redemoinho de pétalas de rosas no chão tira Aerovaldo do transe, do porto, do cais, e veio o caos. Perguntas tantas. De onde vem as rosas? Samba enredo, desenredo, enredado entre os dedos, entre os dentes, entre as pernas, entre as pedras do chão colorido de confetes. Alguém chama seu nome do alto, não, do lado, bem perto. É Ana, a esposa de anos. Ela não pergunta sobre a carne de segunda, sobre a música de Jesus, sobre a porta aberta, a janela aberta, a vida aberta, esperando, sempre esperando. Nunca perguntou. Apenas mostra a saia colorida costurada a mão. Chita sofrida de lavagem em pedra de rio e secagem em cerca de arame farpado. Saia de sair em festa distante de tempo de interior, da casa do pai, de terra nas sandálias. Ana olha com olhar que sabe, sabe de tudo. Não luta, não chora, parece feliz, sempre feliz. Tanto tempo e ela não pergunta sobre a sede, sobre o desejo, sobre a cama, sobre a porteira aberta, a janela ainda aberta, a vida ainda aberta, ainda esperando. Nunca perguntou. Ana ajuda Aerovaldo, levanta o rosto, enxuga a lágrima, entrega a saia e sorri. Ana sempre sorri. Ele beija as mãos dela, a testa, a boca, a alma. Ana se despede e entra no prédio. Aerovaldo espera o bloco de carnaval fazer a volta na quadra. Quando pode, salta para o centro, para a roda, para a vida que escancara janelas e não quer mais esperar. Hoje é ensaio, saia de chita, batom vermelho. Amanhã, Aerovaldo sonha alto, terá vestido de noiva feito dos restos da cortina de renda da janela da quitinete, aquela sem sentido e sem combinação. E a cortina terá a rua inteira para voar. E Aerovaldo ergue os braços, e rebola o quadril, e dança no ar, e arranha o céu com as unhas pintadas de azul. Enquanto Ana, Ana, a esposa de sempre, atira pétalas de rosas lá do 12º andar.

Tiago Feijó | Nasceu em Fortaleza, em maio de 1983. Mudou-se para o interior de São Paulo ainda menino. Formou-se em Letras Clássicas pela Unesp. Venceu o Prêmio Ideal Clube de Literatura 2014, na categoria livro de contos. É autor do livro *Insolitudes* (Ed. 7letras, 2015).

conto tirado de um poema

*“João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da
[Babilônia num barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.”*
Poema tirado de uma notícia de jornal,
Manuel Bandeira.

João Gostoso desce as vielas íngremes e irregulares do morro da Babilônia. À sua frente, sob o anoitecendo do céu, pululam as luzes de Copacabana; luzes estas que João não vê, ou vê mas não repara, posto que em seus olhos fixa-se agora a lembrança de outras luzes. As luzes de Ritinha, sorrisonha, metida numa abundância de plumas e brilhos, a devassar o desejo dos homens no furdúncio do carnaval. Carregador de feira-livre, o árduo trabalho dos braços esculpiu no corpo negro de João muitas saliências de músculos e fez brotar nele a força desumana da ressaca das marés. Mas esse corpo, bruto tronco robusto de ébano, é casca falsa que envolve um homem pacífico, erguido em bondades, de mãos de trabalho e carícia. João Gostoso desce o morro, indistinto nos recantos de escuridão, levando na caixa do pensamento a mulata Ritinha, cravo cravado na carne de seu amor, ferida funda que não sabe cicatrizar, envolta nas brumas de um antigo carnaval. Em pouco, João pisa na Avenida Atlântica e se dá conta do mar, um mar de desilusão, e o rumor das vagas enche de mágoas o corpo colosso de João. Mas ele continua a caminhar, visto que tem destino certo de chegada e que o mar, posto assim nos olhos, é como um novo jeito de se afogar. E por agora João quer viver, viver e sofrer as dores inventadas para ele, que todo homem tem lá o seu quinhão e carregá-lo é questão de honra.

Copacabana é uma festa, riqueza sem fim. Gente vestida de claridade, rindo aos trambolhos, saltando de carros lustrosos e exalando perfumes de línguas estrangeiras. João pensa na alegria dessa gente, nas suas soltas gargalhadas, habitantes de altos edifícios, com o extenso mar emoldurado nas vidraças de suas janelas. Tão diferente dele, essa gente. Eles que não suspeitam da sua fome incurável, do seu perfume de feira, de fruta, da sua roupa puída, do seu barracão sem endereço perdido na barafunda da Babilônia. Cresce em João um asco por essa gente, porque foi o dinheiro deles que comprou a sua única riqueza, o seu bem mais

valioso. Foi o dinheiro deles que levou de João a sua paz. João caminha apressado porque o samba não é afeito a esperar. Já no Arpoador, as espumas das ondas fazem João recordar a brancura das plumas de Ritinha no distante carnaval em que se conheceram. Ela, corpo em sarabanda, tremelicando as trigueiras ancas, abria em seu redor um círculo de admiração. Ele, estacado no meio da multidão, o sangue assanhado, tinha os olhos enfeitiçados pelos sortilégios da mulata que parecia levitar no centro do carnaval. Enfeitiçado, nem percebeu quando a moça passou a sambar em seu derredor, circunavegando seu corpo, ilha de prazer, ele, o escolhido, o eleito, terra selvagem a ser desbravada. E, no delírio do carnaval, os olhos de um dizendo aos olhos do outro o desejo de seus corpos. E João foi rei, e João foi estrela, e João foi madeira de fogueira. E João conheceu finalmente o amor...

Agora, emaranhado nas ruas de Ipanema, com seu teto de folhagens, João pensa ouvir os batuques do samba de outrora, os mesmos batuques que o conduziram aos braços cheirosos de Ritinha naquele feliz carnaval de sua vida, o único carnaval do qual consegue se lembrar, como se a tal festa da carne não houvesse ocorrido senão uma única vez. Mais adiante, João compreende que a batucada não vem do antigamente, mas que retumba no presente, ecoando na estrangulada noite do agora. E enfim João vislumbra, lançado no meio da rua, um facho de luz expulso do bar Vinte de Novembro, seu destino e seu fim. É de lá que pulsa o sangue do samba.

O bar está em polvorosa, com grande azáfama de gentes. O samba, no seu compasso cardíaco, perverte as pessoas, instala nelas um assanhamento de fogo, de labareda, bulindo com elas por dentro, afrouxando nervos e músculos, libertando dos corpos a malícia da carne. E muita pele suada de mulata procura no corpo de João o seu cais, o seu desvelo, o seu descanso. E muito braço de homem, risonho de safadezas, aperta o amigo João, abraça o parceiro João. E muita boca de biritá, melada de embriaguez, despeja na orelha de João manhas e promessas de mulheres e camas. E os copos tilintam, erguidos na luxúria do brinde. E o samba cresce, imenso, enorme, poderoso, grassando de perna em perna a volúpia do seu veneno. João finalmente está entre os seus. E entre os seus, João bebe, João canta, João dança, sem que ninguém perceba a sua amargura infundável, a sua solidão medonha, abismo tão negro quanto a sua pele, a sua tristeza de pedra, inabalável, presentes ofertados pela mão da mulata Ritinha ao abandoná-lo na espessura das trevas. E a noite de então é a noite de João!

Tudo tem seu fim: o amor tem seu fim, a noite tem seu fim, o samba tem seu fim. E agora, após o rebuliço das pernas e o delírio dos copos, João Gostoso caminha sozinho e atordoado na madrugada em declínio. Da banda do mar, um clarão anuncia o parto da manhã de um dia azul. E João, homem feito de amor e desesperança, sem saber um jeito de esquecer, não faz outra coisa senão recordar... Ela, que já não tem mais nome; ela, que já não

tem mais corpo; ela, que já não tem mais voz... Ela, que agora, neste agora de João, é apenas aquela que, em noite nefasta, ele viu descer de dentro de um luxuoso carro branco, brilhante, como aqueles de Copacabana, toda ela vestida de claridade, de anel reluzente no dedo, nos braços de um homem que a beijava e a cobria com mãos de desejos. Aquilo foi como uma faca no coração de João! Depois, as palavras dela queimando como brasa a pele de João: “João, você me desculpa? Você é o homem mais bonito desse mundo, João! Mas você é ninguém e eu nasci pra ser rainha!” João nunca mais viu Ritinha, que foi embora viver seu sonho de rainha. Afundado num tempo de angústias, João sobreviveu e se esqueceu do homem, do luxuoso carro branco e das palavras de brasa sopradas pela boca de Ritinha. Mas não pôde se esquecer dela, não soube se esquecer dela. E Ritinha ficou ali, guardada no fundo dos olhos de João, envolta nas plumas de um fabuloso carnaval, pairando sobre a face de todas as coisas.

João está agora à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas, enquanto um último resto de madrugada se recolhe para detrás da carcunda das montanhas. E João a vê pela última vez. É ela. É Ritinha, no seu abundante corpo de mulata, que sobe à superfície do espelho d’água, requebrando as ancas no cerco dos admiradores. É ela. Cravada nos olhos de João, dançando em torno de João, buscando o corpo de João, naquele carnaval que não deveria ter fim. E João não quer mais suportar, porque a saudade, gota a gota, enche o peito de João. É ela. E João pensa que já não vale mais a pena, que aquilo já não é viver, é arrastar-se, arrastar-se para o nada, porque para ele só existe o nada. É ela. É somente ela. E João abre os braços, tal qual o Cristo Redentor sobre o Corcovado, e se atira na Lagoa Rodrigo de Freitas para morrer afogado.

A morte de João Gostoso coube apertada numa curta notícia de jornal.

Drielle Alarcon | Formada em Filosofia e Comunicação Social, ambas pela Universidade de São Paulo. Escritora, interessa-se por narrativas contra-hegemônicas. É uma das envolvidas na produção da Revista Fantástica 451 e, atualmente, prepara o seu primeiro livro.

nanocontos de carnaval

as três marias_ ápice do tédio pós-carnaval, a barra do navegador já é uma floresta de coníferas e começo a observar o pequeno cinturão de órion na minha clavícula esquerda -- três grãos dourados de quando reinei sobre o nilo, com uma cachaça a tiracolo. desisto do navegador, a mata fechada é um descaminho, e abro outra janela para descobrir o nome das tais três marias. assim se aproxima o fim da jornada, ainda sem as entregas do dia, mas com três resistências de glitter que agora atendem por: alnitak, alnilam e mintaka. minha mãe ensinou a dar nome àquilo que fica.

taxista de avenida_ entro no táxi enquanto o céu deságua no brás. algumas ruas depois, descubro que o motorista é de carnaval e conta os dias para o desfile -- trinta e nove, aliás. falo que meu coração é verde e rosa e ele revela o seu, preto e branco. foi pego por uma feijoada da velha guarda da gaviões, faz oito anos. quando o bagaço da laranja tocou o prato, anunciou para a família que ia desfilar e foi um choque: o mais tímido, na avenida? só o avô confiou nele e pagou a fantasia. desde então, participa todo ano e sempre tenta manter o pai e a mãe distantes, que duas quedas da escola foram culpa deles -- ela é pé frio; ele, palmeirense (o que dá azar por si só). leva apenas o avô, a única pessoa que conhece que dorme tranquilamente nas arquibancadas de um sambódromo. este ano, a escola canta as migrações, tema bonito, e faltou patrocínio. dói ver carro ainda no ferro. mas vale deixar a zona leste toda semana, sem dúvidas. dessa vez, ele apoia uma ala coreografada e secreta que está um pouco preocupado com a idade dos sambistas, mas lembrar que existe a ala das baianas parece afastar suas apreensões. começamos a falar de outras escolas, outros sambas. descobrimos que já fomos nas feijoadas na vila maria. ‘gente simpática, né?’, ‘sim’, ‘e a quadra?’, ‘linda’. e, já que estamos nessas veredas, diz qual o melhor dia do ensaio da sua escola, a que horas o pagode cede lugar à bateria e as coordenadas precisas do espetinho onde a harmonia come (quem questionaria a harmonia, afinal). nos despedimos com um aperto de mão animado, não sem antes ele mostrar uma foto da fantasia da sua ala -- sorrindo orgulhoso quando digo que foi modesto na descrição -- e passar seu contato para eu mandar um zap quando for lá com meus amigos, que ele nos recebe na porta. mas vem mesmo, a quadra está aberta.

dos amores em verde e rosa_ locais em que ainda encontro glitter, mas preferiria não: dobra da orelha, sob a unha e na raiz do cílio. desconfio que agora vão morar aí, confirmando que, em terra de carnaval, idade se afere com contagem de anéis de glitter.

pularia o carnaval_ o porteiro pergunta se ela pularia carnaval. apertando o botão do sétimo, nega veementemente: 'odeio carnaval'. meu coração se crispa, de leve. desconfio de quem ostenta desse jeito. foi aí que, sem perceber, eu olhei para baixo, o olhar dela seguiu o meu e rimos: eu vim com a saia do bloco, toda brilhante, pra encurtar o dia. então soube que ela é gente de montanha e descobriu um casal de papagaios aqui perto. sobrevoam a avenida, descansam nos vãos dos prédios corporativos. prometeu me mostrar uma foto deles, em breve, e saltou no sétimo. e eu fiquei no elevador pensando em como já caem as barreiras e se formam as amizades mais sinceras, sem ainda nem termos aberto a primeira catuaba.

Maurício Angelo | Jornalista e escritor.
Publicou os livros de contos *Meu Mundo é Hoje*
e *11 Rounds* e *Latitude 19 & Outros Hematomas*,
de crônicas e de poemas.

momo: o rei da matança

Pra'quele carnaval, encomendou três garrotes da roça do seu tio Hermes. Chegaram resfriados, cortados e separados em vinte e sete sacos pretos que ocuparam todo o depósito do açougue. Fez questão que não escapasse nenhum detalhe: comprou quilos de pimenta preta moída, cominho, sal grosso, alho, cebola e manjeriço. Passou a última semana de janeiro e o início de fevereiro dando conta dos preparos para a comilança.

No presídio, o diretor deu a notícia que algum mecenas desconhecido resolvera proporcionar um banquete especial para os detentos na quarta-feira de cinzas. Zézão Pé de Bode estranhou, mas não tinha muito o que fazer. Acabara de se recuperar de uma tuberculose e se limitava a elaborar planos de fuga patéticos com Jonas e Paulo. Dividia a cela de quinze metros quadrados, um buraco no chão que usavam de banheiro e uma minúscula janela de 3x3 com outros dezenove detentos.

Jarbas já era diretor da penitenciária há vinte e cinco anos. Engordara cinquenta e três quilos naquele período e tinha passado por sete rebeliões, cinco motins e três fugas de grandes proporções, de modo que não desejava outra coisa senão a aposentadoria. Para seu desespero, ainda levaria mais dez anos para que pudesse se isolar em seu sítio no interior do Mato Grosso, deixando Camila e as duas filhas na capital.

Momo tinha crescido numa família feliz em Cuiabá. A mãe, Gioconda, era dona do mercadinho mais movimentado do bairro e Momo ajudava a tocar o negócio com seus outros três irmãos, mais novos. Hermes estava sempre por perto, servindo de mentor, já que o pai de Momo morrera num acidente infeliz quando ele tinha sete anos, destruído pela hélice do barco de pesca enquanto tentava arrastar uma piraíba gigante, sendo sugado para dentro da água para nunca mais voltar.

Assim, um dos passatempos preferidos de Momo na adolescência era pescar com dinamites no afluente mais próximo da sua casa. Bananas que descolava com Messias, seu amigo de infância e herdeiro da maior loja de fogos de artifício da cidade. A vizinhança, à boca pequena, sempre especulava se Momo era mesmo um menino normal ou se não teria sofrido traumas irreversíveis pela morte do pai. Ele ignorava os cochichos no bairro e as brincadeiras que tinha que aguentar na escola. Sem nunca, no entanto, se dirigirem diretamente a ele, mas sempre pelas costas. Mesmo moleque, Momo já era maior e mais pesado que a maioria dos seus colegas e não hesitava em intimidar sempre que necessário.

Já adulto, tornou-se figura surpreendente nos bailes da Vila Rosa. Dançava bem para um homem do seu tamanho e as mulheres se sentiam atraídas por aquela figura imponente,

intimidadora mas estranhamente convidativa. Sem preferência, Momo traçava o que aparecia pela frente, das novinhas às coroas mais esbagaçadas do bairro. Fazia troça de todos e, aos vinte e três, foi declarado embaixador oficial do carnaval das redondezas. Naquela noite, pra comemorar, estuprou e estrangulou três meninas de doze anos fornecidas por Hélio, o aliciador mais conhecido da região. Eram tantas as meninas, a maioria sem família, sem rumo, sem presente e sem futuro que os desaparecimentos já eram dados como rotina. Tudo devidamente ignorado pelas autoridades, que também gostavam de utilizar os serviços de Hélio de tempos em tempos.

Exímio cozinheiro, Momo estava orgulhoso do banquete que preparara para aquela quarta-feira de cinzas, 17 de fevereiro. Os duzentos e trinta e dois detentos sentaram famintos no pátio da penitenciária e após o discurso e a oração, feita pelo prefeito, devoraram com gosto a carne suculenta e o arroz carreteiro que Momo tirava das panelas.

Assim que as primeiras dinamites explodiram ao redor do presídio, as portas do pátio cerradas, Momo descarregou todos os cartuchos para a metralhadora que havia fixado em cima do pedestal. Hermes esperou o fim da satisfação do sobrinho para recolher todos os pedaços de corpos espalhados pelo pátio. A ração dos animais tinha subido demasiadamente e, conservada do jeito certo, agora tinha carne suficiente para alimentar todas as cabeças de gado da sua roça até o próximo carnaval.

Maria da Glória Costa Bomfim | Carioca,
tem 70 anos de idade. Viúva, tem dois filhos e
dois netos.

carnaval no tabuleiro da baiana

Tabuleiro da Baiana, Largo da Carioca, carnaval de 1965. Eu poderia sentir pela primeira vez a emoção de ver de perto os foliões e misturar-me a eles, e de ouvir o som de uma bateria, tão alto e tão próximo que pudesse tremer no peito.

Essa era a sensação que desejava experimentar desde o dia em que ouvi um samba da Mangueira e fiquei extasiada com a música e os versos, que diziam “Mangueira teu cenário é uma beleza que a natureza criou”... Imaginava toda aquela beleza, adivinhando a alegria das pessoas rodopiando nas suas fantasias, e queria crescer logo para também, quem sabe, fazer parte daquele encantamento.

Eis que um dia, já mocinha, pegamos o bonde de Santa Tereza, minha mãe, minha irmã e eu, e descemos no ponto final, no Largo da Carioca. Estava lotado de gente. Para qualquer lado que se olhasse tinha um folião pulando, brincando, cantando, e a alegria solta e contagiante.

O Tabuleiro da Baiana, um terminal de bondes construído em 1937 e demolido nos anos de 1970, assim chamado pela semelhança de seu formato, retangular e de cobertura reta, estava lindo todo enfeitado. Fomos andando na sua direção e paramos num dos lados, por onde supostamente seria a “entrada”, já que era aberto dos lados. Lá dentro, fervia. Estáticas, ali, minha irmã e eu, olhando a multidão que entrava aos empurrões, pedimos à nossa mãe para fazermos o mesmo — queríamos pular carnaval. Nosso olhar de súplica era tamanho que ela não conseguiu negar.

A pureza da minha mãe a impedia de adivinhar, e a nossa também, que ali se misturavam também foliões bêbedos, tarados e drogados, que ignorávamos existir. Quando percebemos isso, já batendo nas mãos dos homens que tentavam levantar nossa saia, nossa blusa, ou onde quer que aquelas mãos já tivessem conseguido alcançar, estávamos no meio do “salão”, querendo voltar, e sem conseguir, precisando correr para o outro lado, o que também pareceu impossível.

Seguimos em frente, aos atropelos e gritando “ai”, “para”, “sai”, “nojento”, “desgraçado”!

Gritando, esbravejando e jogando os braços para todos os lados a fim de nos proteger, conseguimos sair pelo lado oposto, esbaforidas, suando, com raiva de não ter podido brincar do jeito que gostaríamos, mas também, honestamente, morrendo de rir, porque aquelas mãos todas, deles e nossas, ofensivas e defensivas, não deixavam de ser muito engraçadas.

Tudo registrado na minha memória, em meio a tantas outras lembranças de carnavais passados, cada uma com a marca do seu tempo, e com o encanto de todos os tempos.

Felipe Teodoro | Professor de Língua Portuguesa, mestrando em Linguagens na Universidade Estadual de Ponta Grossa — UEPG. Já publicou contos em diversas antologias nacionais e atualmente trabalha no material para o seu primeiro livro.

um menino e o seu carnaval

*“As fitas, as cores, os barulhos
passam por mim de raspão.
Pobre poesia.”*

Carlos Drummond de Andrade.

Ele dobra a esquina e por alguns segundos duvida que aquilo tudo é real. As máscaras e as pinturas, as penas e as lantejoulas. Toda aquela gente descendo a avenida e a alegria estampada nos rostos maquiados, nas pinturas reluzindo nas peles. Nunca tinha visto nada parecido. De onde viera, as pessoas não comemoravam carnaval daquela forma, havia o baile na praça, mas ele só assistia de longe. O pai dizia que carnaval não era coisa de criança. E agora ele estava ali, frente à frente com o desfile dos blocos, na cidade grande.

Começou a subir a rua e o som da bateria da escola de samba foi ficando cada vez mais alto. A música batendo forte dentro do seu peito e ele com aquela vontade de dançar, com os pés formigando, o corpo todo pedindo para entrar no clima. Mas ele não podia. Você tem que se comportar, fazer o serviço direito. Pra gente não tem dia de festa, quem sabe um dia, mas agora, a gente não tem o que comemora, dizia a voz do pai, que havia sido bem claro em relação ao desfile. Tâmo indo pra trabalhá, só isso. E ele tenta não se distrair, tenta prestar atenção apenas nas pessoas que estão na calçada, assistindo ao espetáculo, são elas o seu alvo, é pra elas que ele deve olhar. Mas não consegue se concentrar, o desfile é hipnotizante. E ele caminha pela avenida enquanto os blocos continuam descendo e percebe que não faz parte de nenhum daqueles grupos. Não está assistindo e não está dançando. Está ali, no meio do Carnaval, mas ao mesmo tempo não está. Avança com a caixa pesada debaixo do braço, o suor escorrendo da testa, o coração acelerado, e enquanto oferece cerveja e refrigerante para a plateia, observa com o canto do olho a descida dos foliões. Não tem dúvidas de que Deus está ali. A mãe sempre dizia que Deus era pura alegria e ele nunca havia visto nada tão alegre quanto aquele bando de gente que descia a rua. Era Deus, entre os jovens, entre os velhos, Deus nos rapazes bêbados, nas moças de vestido curto. Deus nas pessoas fantasiadas, que ele não sabia distinguir o sexo. E vez ou outra, uma das criaturas fantasiadas, para bem na sua frente e diz algo que ele não entende, na língua do samba, e estende uma nota de cinco reais. Aí ele abre a caixa de isopor e pega uma latinha e dá de beber aos seres divinos. Quem sabe seja essa sua função, matar a sede daqueles corpos dançantes.

E no fundo dos olhos do menino, atrás do castanho escuro, atrás das luzes que oscilam, atrás do pequeno reflexo das sombras da alegria, é possível ver o desejo ardendo. É possível ver o rosto implorando por uma máscara, o corpo implorando por movimento. É possível ver os olhos do menino gritando, porque uma parte sua quer jogar fora a caixa de isopor e se misturar com todo aquele povo e pular carnaval, descer toda a avenida dançando e sorrindo. Parte sua quer ser só por uma noite, outra pessoa, ser pura alegria. Mas então ele vê do outro lado da rua o pai descendo, não com o desfile, mas ao lado, em marcha lenta, com sua caixa de isopor, ainda maior e mais pesada e a imagem do pai é como um soco na boca do estômago. O pai, que trabalha o dia todo, o pai que ele nunca vê dormindo, só trabalhando, sempre trabalhando. E ele lembra da mãe doente em casa, na cama. Lembra da dificuldade que a família vem passando desde que chegaram na capital. Lembra que existe toda uma vida fora do carnaval e que aquela alegria do desfile, aquele mundo alegre, no fundo não passam de apenas mais uma ilusão. Um daqueles momentos encenados. No fundo o pai tá certo, pra gente como a gente não existe dia de festa, quem sabe um dia, mas não agora.

Ajeita a caixa de isopor e sai do meio fio, se afasta da festa, sobe na calçada e por trás do público, segue oferecendo sua mercadoria. Não olha mais para o desfile, e a música alta já não parece tão contagiante. Agora a dança, as fantasias e a alegria do Carnaval são apenas um sonho, daqueles que duram pouco e que na manhã seguinte a gente já não lembra mais.

Rojefferson Moraes | Professor de escola pública, escritor, autor dos livros *Digitais* (2008), *Poesia Crônica* (2014), *Lembranças de uma noite qualquer* (2015), todos publicados pelo Selo Independente Coleção de Rua, e *O dia em que Carla assassinou o meu gato e outras crises de amor* (Editora Penalux, 2017). Produtor cultural, articula ações socioculturais na periferia de Manaus e em cidades do interior do Amazonas.

o mestre-sala adormeceu antes do desfile

Era mais um fevereiro curto, chuvoso e colorido. Eu tinha fugido da casa da minha mãe, e estava há pelo menos oito meses morando no Beco São Pedro, zona oeste da capital. Um lugar sujo, fedorento e perigoso, entrecortado por um igarapé que trazia todos os dejetos dos bairros altos. Pontes de madeiras serviam de ruas. Os meninos brincavam de atirar pedras em ratazanas.

Naquela noite fui convidado pelo Zecão para acompanhar a equipe que vendia bananas fritas no Sambódromo. Eu nunca havia pisado naquele lugar. Só via pela televisão. Sem pestanejar eu topei. Alegria dentro do estômago. Mas fui tomado por um medo estranho. Bombas destruindo vontades. Tiros despedaçando sonhos de vidro. Prometi pra Laurinha que se vendesse tudo, íamos tomar um sorvete na praia da Ponta Negra, vendo o banheiro lambar a areia, e o sol chicotear o horizonte. Um beijo selou nosso trato. Pus a bacia de alumínio na cabeça, e fomos andando para o Sambódromo, eu Zecão e mais três moleques que se dividiam entre bater carteira, vender bananas fritas, e tomar cachaça 51 às escondidas, entre um cigarro e outro.

Começamos a escutar o batuque de longe. Luzes clareando o céu negro. Euforia de menino conhecendo o novo. Vacilei um sambinha na ponta dos pés com a mente. Coração acelerando no ritmo da bateria. Perfumes e cores invadindo o terreno baldio da imaginação. A música determinando o ritmo dos passos. Entramos. Definimos nosso ponto de encontro. Tomamos um trago dos bons. E subimos para as arquibancadas. Quanta gente alegre. Quantos sorrisos. Gente misturada em reverência à avenida que mais parecia um rio furioso engolindo gente, bichos e barcos. Sentei na escada de acesso, com a bacia de alumínio sobre as cochas. Cinco minutos que mais pareceram uma eternidade. Goela seca pediu mais uma dose para abrasar ainda mais a alma. Voltei ao ponto de encontro. Quando desci o último degrau avistei um dos moleques sendo socado por dois PMs. Cadê a carteira do cara Filho da puta! As bananas fritas espalhadas pelo chão. Um chute certo quebrou o moleque ao meio, e um *ai* colorido de sangue se espatifou no chão. Tentei avistar Zecão e os outros para pedir ajuda, mas não vi ninguém. Só as pessoas felizes em êxtase ao som da cuíca. Quando voltei vi o moleque jogado entre os carros. Um dos PMs segurou no braço com força quase despedaçando o osso fraco. Conhece aquele vagabundo?! Tá com ele?! Fala, caralho! N.Ã.O. Fui liberado. Pela primeira vez senti medo, e vontade de voltar para a casa da minha mãe. Sai de lá sem vender nada. Judas correndo no deserto. Esqueci a promessa que fiz pra Laurinha. Não voltei mais pro Beco São Pedro. Não voltei mais pro Sambódromo. Até hoje sonho com a imagem de um garoto raquítico sendo destruído por coturnos, ao som da bateria, banhado por confetes e sorrisos.

Alexandre Brandão | Escritor mineiro, que vive no Rio, é autor de *Qual é, solidão?* (Editora Oito e Meio), livro no qual foi publicado o conto “As cinzas do Carnaval”. Em dezembro de 2017, publicou, pela Editora Patuá, *O bichano experimental*. Mantém o blog No Osso.

as cinzas do carnaval

De todas as fantasias, não seria a minha a de maior sucesso nesse reinado de Momo. O tecido escolhido, nas cores berrantes, é assim, como dizer?, medíocre, crasso, e o resultado, a fantasia em si, ouvi de alguém, talvez um concorrente, coisa das mais comuns.

Há outras piores, ainda mais vulgares, feitas de cores gris. Me pergunto: o sujeito, ao se vestir nesses tons menores, tem no sangue o vício da alegria e mergulha no carnaval absolutamente indefeso, pronto para o que der e vier? Não. Eu, sim, sou do carnaval. Já fui pierrô, entrei no botequim, bebi, bebi e saí assim, assim. Fui também outros mais fortes, mosqueteiro, feiticeiro do Alto Xingu.

Minha fantasia, vá lá, não é de fechar o trânsito, mas me permite brincar. Vou pulando por aí, mexo com uma mulher de borboleta, ganho um beijo de um homem vestido de mulher, entro no trenzinho humano recém-formado.

Encontro a Leila, que diz: “No ano passado, você esteve melhor.” “Não tive muito tempo e menos ainda inspiração”, respondo. À medida que ela se afasta, vejo o enchimento na sua bunda, é uma caricatura dessas garotas bem fornidas que rebolam nos grupos de samba. Leila nunca esteve tão bem. Ela é outra do carnaval. Em 75, desceu a avenida fazendo topless e, perguntada, não titubeou: “Estou fantasiada de sei lá o quê, mas não sinto calor nenhum, nenhum, e isso é a glória.” Naquele ano, acabamos num motel e não conjugamos o verbo amar, ou suas designações mais contundentes: trepar, foder, fornicar. Não me perguntem o porquê, o carnaval é mesmo o dia da carne, mas não queríamos. Leila disse: “Caubói — sim, eu era o Wayne —, fui estuprada por um índio ferocíssimo, estou largada aqui desse jeito, envergonhada, ultrajada.” Saquei meu 38, que enchi de espoletas para atirar feito um louco naquele quarto de motel. Fingi carregar em meus braços o índio malfeitor, e nós rimos da cena. Essa seria a hora de desembainhar meu outro revólver e enfiá-lo lá bem no meio das pernas da Leila, porta através da qual Wayne mataria os bandidos do Oeste. Mas não fizemos isso, não me perguntem a razão, já pedi. Nos demos as costas, deitados de lado. Ouvi então o choro baixinho da Leila e me senti à vontade para chorar também. Antes de cairmos no sono, ela ainda disse a verdade mais doída do mundo.

Essas lembranças, as mais agradáveis pelo menos, nosso jogo, aquele bague-bague no motel barato, me fizeram mudar a rota e ir atrás da Leila. “Vem cá, sua bunda. Quero comer esse rabo de espuma e arame, essa armadura louca que você inventou.” Só quando Leila se virou, reparei também em seus seios escancaradamente grandes. “Minha Pachamama, minha deusa do aleitamento, me alimente, me enlouqueça.” Leila então

ajoelhou-se — em outra fantasia, talvez tivesse sentado no asfalto, mas daquele jeito era impossível —, eu fiz o mesmo e, antes de mais nada, falei que corríamos perigo, os carros alegóricos poderiam nos atropelar, o bloco do boi passar por cima da gente. Ela foi direta: “Tu bem sabe que somos os donos da rua, os donos do carnaval, não corremos perigo.” Pedi mais uma chance, outro carnaval de 75, mas agora com tudo de acordo, o branco no preto, não preciso dizer mais nada, vocês estão carecas de saber. Ela respondeu, colando os lábios no meu ouvido: “Aquela coisa, você lembra, imagino, aquela coisa está guardada aqui dentro, guardada não, tá aqui dentro, solta e a ponto de explodir.” No carnaval da virada do século, meu caminho era o sul, o dela, o norte, ou leste, oeste. Ela foi embora na companhia de uns guris bem jovens, que lhe falavam besteiras — “cusuda”, gritou um —, e ela, altiva, rainha incontestável, continuou rua abaixo, o samba no pé sem dar a mínima para o rapazote.

Não sou de morrer e não ir atrás do trio elétrico; deixei a Leila para trás, peguei outra linha e saí pulando. Aquela fantasia, meio indefinida como falavam, era confortável, eu me esbaldava. A marca do carnaval é o pulo, o corpo que voa feito pássaro e, ao voltar ao chão, retoma a condição humana. O imprevisto espreita esse ir e vir, subir e descer, e quando se vê... Chutei um corpo caído na Travessa do Ouvidor, uma esplêndida colombina nua. Com ela nos braços, fui para o meio da multidão. Todo mundo percebia a beleza da cena. As pessoas foram se arredando, formando um enorme círculo. Dentro dele, fiquei sozinho com a menina nos meus braços. Um surdo bateu fúnebre, e a rua deu de silenciar. Depositei o corpo da colombina no chão. O surdo então repicou, os metais entraram berrando, e a avenida nos deu as costas. Alguém ateou fogo na colombina de primeira folia, e logo subiram o cheiro e a fumaça produzidos pelo corpo em combustão. O carnaval era outro, não mais o de anos atrás, não mais aquele tão cheio de conquistas e pileques. Juntei as cinzas da menina e fui cambaleante até o morro entregá-las à mãe. Sei lá, não sei, em Mangueira meu pouco fôlego não me deixou subir mais as ruelas, fiquei ali mesmo no Buraco Quente esperando alguém. Convencido de que ninguém voltaria antes da quarta-feira, deixei a caixa e a colombina na Visconde de Niterói e, em busca de um tempo perdido, zarpei mais para dentro da zona Norte.

Minha fantasia pesava muito, e o suor escorria. Pensei na maldade da Leila em dizer não. “Não neste carnaval, neste nós vamos em sentidos opostos, neste nós vamos brincar com os jovens, os inocentes, nossa flacidez, por algum vão motivo, interessa a esses mequetrefes.” Tirei a fantasia e fiquei apenas com a cueca branca, simples e velha. Entrei em um bloco do sujo, um ou outro me apontava, não porque eu estivesse em trajes sumários, mas por eu ser bem conhecido, o dono do carnaval não passa assim despercebido nessas ou noutras plagas cariocas. Um garoto chegou perto de mim e pediu, primeiro um trocado, e depois que eu o seguisse para falar com o diretor do bloco, me inscrevesse direito e pagasse a taxa. Era

desdentado, com uma fantasia de super-homem igual à minha de trinta anos atrás. Caí numa armadilha, não havia diretor, havia, sim, um grupo de cinco ou seis garotos, gente forte e mal-humorada, e eles me encheram de porrada, bateram muito, por eu não ter dinheiro, por eu brincar com a princesa da primavera do clube do bairro, por isso, por aquilo. Bateram até não poder mais. Até eu me sentir morto.

No meu velório, os amigos de sempre. Um aqui, outro ali balançavam a cabeça como quem diz, uma perda, mas é a vida. Não se ouviu um pio quando a Leila cruzou a capela. Ela continuava com peito e bunda despropositados, o garoto na cola, como sempre, os olhos fixos naquilo tudo que para ele ainda eram incógnita e fascínio. Leila, mais uma vez, aproximou seus lábios do meu ouvido e murmurou nosso segredo, seguido de um tremendo esporro: “Que fantasia de morte é essa, hein?, não é digno envelhecer desse modo, largando a farra no meio para ficar com as canelas esticadas num bairro distante, longe do bem-bom da Rio Branco.” Sussurrei-lhe que “aquela coisa, você lembra, imagino, aquela coisa está guardada aqui dentro, guardada não, tá aqui dentro, solta e a ponto de explodir.”

A Leila não é dor que folião deixa em casa esperando. E, ao vê-la saindo da capela, balançando forçosamente aquele rabo de uma figa, levanto e grito um amontoado de palavras, talvez sem nenhum sentido. Mas ninguém, nem a porta-bandeira ou o passista, nem o homem do tamborim, tampouco o pierrô, ninguém parou para escutar meu grito em tudo parecido ao lamento de uma cuíca.

Pedro Teixeira | Nasceu em Porto Alegre, em 1982. Participou das coletâneas *Devaneios Improváveis — Volume IV*, com o conto “Alice”, e *A Arte do Terror — Volume 2*, com “O Relato de Bernardo Muriack”. Foi selecionado também para as antologias *King Poe Lovecraft: do Terror ao Horror* e *Gran Circo Carnivale*, que serão publicadas em 2018. Trabalha atualmente no roteiro da HQ *Primordial*, em parceria com o quadrinista Felipe Kroll.

o chamado da mata

Sentado na soleira da porta, Gustavo observa a massa escura do morro à sua frente. O zumbido dos insetos e o coaxar dos sapos formam uma sinfonia hipnótica. Ele pensa no quanto aquele lugar faz parte dele, todas as vezes em que foi para lá nos feriados, tudo o que aprendeu vendo como funcionava a colheita da cana, e depois como se fazia melado, rapadura, cachaça.

Há exatamente três anos seu tio Lucas ainda estava ali. Gostava da companhia dele, da pouca diferença de idade que o tornava algo próximo do irmão mais velho que nunca teve. De suas tiradas. Como quando ele respondera a certo comentário sobre animais de estimação que queriam estar sempre dentro de casa. “É melhor um bicho pensar que é gente do que a gente achar que não é bicho.”

Essa frase colocou Gustavo para pensar por um bom tempo. Tanto que, meses depois, no meio de uma das trilhas que viviam fazendo, perguntou a Lucas o que significava isso de a gente ser bicho. O tio explicou, tintim por tintim, partindo da teoria da evolução, os fósseis, órgãos vestigiais. “Nós somos bichos, mas fingimos que somos outra coisa, e acreditamos no próprio fingimento” — ele disse. “A gente é que nem animal num zoológico, um zoológico construído por nós mesmos.”

Entre as trilhas, a preferida de Gustavo era a do Morro do Igarapé, que costumavam percorrer no Carnaval. O trajeto de mais de vinte quilômetros passava por rochedos, praias e longos trechos de mata atlântica e terminava às margens da Lagoa do Peri. Dona Santina, a avó, protestava: você vai matar o menino de cansaço. Mas Gustavo não reclamava uma vez sequer durante as horas de caminhada, mesmo que sob chuva ou sol. Aquilo fazia com que se sentisse vivo, ao contrário das vezes em que saía com amigos para as baladas. Nessas ocasiões, acabava sempre bêbado e sonolento, sem conseguir interagir com ninguém. E, no dia seguinte, a ressaca era de matar.

Nas vezes em que passava algum tempo na casa da avó, porém, não hesitava em acompanhar o tio quando este o convidava para as festas de Alvorada. Então iam ao baile no clube do Sargento, e o adolescente impressionava-se com o carisma de Lucas. Havia algo em sua aparência, em seu modo de ser, que atraía as mulheres, mantendo-as sempre por perto.

Por que ele partira? Para Dona Santina, a decisão de Lucas começou a se formar a partir do momento em que o filho passou a ter alguma ideia de suas origens. Ela lembra da expressão dele quando mostrou-lhe a flecha que havia sido endereçada ao tataravô paterno. Lucas quis saber se seu antepassado era um bugreiro. Santina não soube, ou não quis responder.

Certo dia, em meio ao carreado e ao papo no boteco, no Carnaval, ele tocou no assunto. Sorriam com o comentário, como se este revelasse uma ingenuidade fora do comum, e disseram que praticamente todo mundo em Alvorada tinha uma avó que fora laçada no mato.

É com os olhos marejados que Santina falou sobre as pesquisas do filho a respeito do destino dos índios da região. “A maior parte deles foi escravizada ou morta, mãe” — Lucas falava, a voz embargada de tristeza. Ela disse que se arrependeu de ter mostrado aquela flecha a ele, que se não tivesse feito isso tudo poderia ter sido diferente.

A lembrança da época de sua partida é nítida. Quantas vezes saíram pela mata ele, seus pais, a avó, procurando-o, gritando-lhe o nome? Voltavam para casa sempre cabisbaixos, alguns com grossas lágrimas a escorrer pelas bochechas, e buscava-se consolar estes com abraços, e logo os que abraçavam também começavam a chorar, e o pranto se espalhava.

Já na casa de Dona Santina, no pé do morro, estavam mais calmos, embora ainda muito tristonhos. A conversa ia longe, regada a café e à boa cachaça do alambique. Pipocavam teorias sobre o que havia acontecido com Lucas. Era quase um consenso que ele sofria de algum distúrbio mental, desses que fazem uma pessoa perder o juízo e sair no mundo. Para seu irmão Gabriel, pai de Gustavo, era culpa do excesso de leitura; todos aqueles livros haviam afrouxado os parafusos do rapaz. Mas não era só isso: houve o porco.

Quando dizia isso, todos o olhavam intrigados, e então Gabriel explicava: num Carnaval, o pai havia decidido mostrar aos filhos como se matava e carneava um porco. Gabriel e Lucas viram a luta dele para agarrar o animal, deslizando na lama do chiqueiro, e depois a execução, quando, após explicar onde deveria ser cravada a faca, ele a ergueu no ar para em seguida enterrá-la entre as costelas do bicho. Ocorre que o porco ficou ali por um bom tempo sofrendo, grunhindo, e Lucas olhou-o bem nos olhos, e os olhos do porco pareciam olhos de gente, olhos que clamavam por piedade. Gabriel lembra o quanto aquilo lhe fez mal, e da impressão que teve de que tinha feito ainda pior para Lucas, deixando-o profundamente abatido por um bom tempo. Na verdade, é como se o irmão nunca mais tivesse sido o mesmo depois disso.

Após muitas tentativas frustradas de encontrá-lo, recorreram à polícia e aos bombeiros de Alvorada para auxiliá-los em novas buscas, mas não obtiveram resultado melhor. O tempo foi passando e a família começou a se conformar com a ideia. Talvez o rapaz quisesse um tempo para si, para pensar na vida. Talvez nem estivesse mais tão por perto assim. Consolavam-se com o fato de que ele sabia como sobreviver na floresta: havia passado muitas noites por lá em suas explorações, nas quais procurava vestígios da ocupação indígena.

Gustavo, porém, não desistiu. Ele embrenhou-se nas trilhas mais íngremes, e foi tão longe quanto pode. Após muitas tentativas, os sinais começaram a aparecer. No início,

apenas restos de fogueiras. Depois foram as gravuras e mapas em placas de argila, pontas de flechas, esculturas de barro.

Algumas das gravuras mostravam um lugar ao norte dali. Era uma ampla clareira na mata onde pessoas moravam em cabanas e viviam a festejar, comendo, bebendo e dançando. Ele concluiu que Lucas estava feliz e voltou para casa, sem dizer nada a ninguém.

Isso fora há um ano. Ao longo desse tempo, muita coisa mudou para Gustavo. Sua mãe descobriu que Gabriel possuía outra família. Desde então o casal anunciou muitas vezes o divórcio, sempre ressaltando que, não importava o que acontecesse, continuariam o amando muito. Mas eles permaneciam casados, as brigas tornando-se cada vez mais frequentes e assustadoras, fazendo-o acordar sobressaltado de madrugada com os gritos. Às vezes tudo parecia uma disputa entre os dois para que o filho escolhesse quem tinha razão, e isso fazia Gustavo sentir-se com um enorme fardo sobre as costas.

Pensou então no tio e no que este dizia sobre como construímos prisões para nós mesmos, como ficamos engessados pelas mentiras. Para Lucas, o Carnaval era uma válvula de escape, uma fuga do cativo da civilização. Carros alegóricos tentando reproduzir, naqueles poucos dias de folia, a grandeza da vida, uma vida que se apequenava nas sujeições ao trabalho, igreja, Estado. Ele acreditava que era possível uma existência mais festiva, mais pura, na qual as pessoas não precisassem acumular coisas para suportar a rotina. E algo nessas recordações fez Gustavo ter uma sensação que não conseguia definir, como se houvesse vislumbrado por um instante uma espécie de epifania e não tivesse sido capaz de retê-la na memória.

Ficou com essa sensação por dias, até que, certa manhã, quando tomava café em casa, foi recolher o jornal no gramado, e leu a chamada da capa. A reportagem que a estampava tratava de um fenômeno cada vez mais frequente na região: pessoas que iam sozinhas para a floresta fazer trilhas, e nunca mais voltavam. Ao longo dos últimos anos, já eram quase dez desaparecidos.

Com o coração acelerado, vieram à mente de Gustavo naquele momento as gravuras que o tio deixara na mata. E então, de repente, tudo fez sentido.

Agora ele vê os primeiros raios de sol iluminando fracamente as bordas dos morros, suas silhuetas erguendo-se contra o céu no raiar do dia. Dona Santina pensa que o neto apenas resolveu aproveitar o Carnaval para passar alguns dias ali e fazer uma trilha. Mas Gustavo planeja ir mais além. Percorrerá o caminho traçado por picadas, fará sua peregrinação até um lugar em que homens e mulheres podem ser realmente livres. Será uma longa travessia.

Levanta-se, e segue em direção ao morro. Lágrimas escorrem por suas bochechas quando olha para trás. E então ele inicia a subida sem volta.

Rafael Vieira | Escritor de Facebook (seja lá o que isso quer dizer) e músico de fachada. Escreve sobre o cotidiano que observa e troca os nomes para evitar processo. Publica seus textos em sua página pessoal [[link](#)].

5 atos em sol

SEXTA-FEIRA

Eu poderia descer arrastado pela Consolação em qualquer um daqueles quatro dias e redemoinhar, numa sacudida de cabeça, um bloco inteiro da fanfarra, mas ainda reconheceria essas asas de Paloma dourada, se assim a visse, no atravessar de avenida, no espírito do seu perfume.

Pensei em citar Galeano para parecer revolucionário, mas Neruda é melhor para parafrasear no carnaval. E nós somos puro lirismo e boêmia (e um pouco de chorume). Fidel é uma fantasia. Cuba Libre, sin perder la ternura. La Joie de Vivre, afinal.

Juramos juntos, sobre as garrafas de catuaba, de jurubeba e de outras bebidas aliteradas, de nos amar pra sempre até a quarta feira.

Descolamos uma festa, nos cantos sujos duma ladeira.

Estávamos despejando uísque nos filtros de barro. Descobrimos que gostávamos da Tabacaria e de Piva, e para tirar um sarro começamos a berrar algumas frases guardadas no bolso. Ninguém entendeu nada e do nada, desse mesmo nada, eu ouço. Começou a tocar aquela música de que eu devia estar contente, pois tenho um emprego e sou um dito cidadão respeitável e ganho trocentos cruzeiros por mês, e você correu pela casa inteira gritando a letra inteirinha, tropeçando nas paredes, nos rodapés.

Em seguida amamos a cidade impiedosamente, amamos os outros, outras fantasias, outros nós, e voltamos de pés descalços, sujos e inchados, pisando em estilhaços de vodkas baratas na rua da sua casa às sete da manhã incendiada. Nosso colchão tinha sete tipos diferentes de purpurinas e marcas de batom por todos os lençóis, colares e todas as cuecas e calcinhas jogadas pelo chão, mais Júpiter, Marte e dois Sóis. Minha cabeça explodia de enxofre e bebida barata quando você acendeu um cigarro no fogão e, coitada, queimou as penas do seu cocar de índio americano, e quase causou um incêndio filho da puta que iria nos matar, como aqueles dois velhinhos da música das botas batidas. Você ainda se abaixou pra mostrar a calcinha, e me sorriu por trás dos ombros, com o cabelo caindo na cara. Achei que tinha finalmente entendido, ainda que mal, o sentido da vida e do mundo.

Mas durou menos de um segundo, menos de um minuto, menos que um momento banal. Ainda assim sorri.

Era uma manhã ainda impune de sábado de carnaval.

SÁBADO

Ela me deixou um bilhete grudado na testa. “Te deixo um beijo, mas a chave não. Pule o portão”. E meu peito ainda era festa e meu coração pulava numa marchinha. E eu pulei o portão já ligando pro meu amigo me encontrar no metrô. E o metrô estava lotado, e não de gente de terno, mas um exército de pierrôs, colombinas e um punhado de gente insanamente rodando em suas próprias purpurinas. No Brás, meu amigo já chegou bêbado de todas as andanças do trem. Ele disse que os camelôs faziam promoções entre todas as estações, gritando: “Vamos vender tudo porque os alquimistas estão chegando! Estão chegando os alquimistas”. E eles não eram discretos nem silenciosos e o trem virou um open bar sobre trilhos psicodélicos. E isso ele tudo me falava com a sua gravata florida afrouxada, num sotaque dos príncipes bêbados herméticos. “Já basta! Chega de conversa”, ele falou. “É hora de encharcar”. E eu, claro, só pude concordar.

Mas minha cabeça queimava sob o sol do meio dia das bebidas baratas, então eu queimei meu próprio sol entre os lábios e soltei a fumaça azul que seguia sua rota própria e ela me levou àquela praça com nome de presidente americano, no centro da cidade. E, aos tropeços, nós bebemos todas aquelas garrafas de raízes amargas dividindo tudo com todo o povo, todo o mundo, todas as religiões. Até com Cristo de fantasia, vestido com camisa alvinegra do meu time do coração, com deuses, astronautas, com Sócrates, Aristóteles e Platão. Logo, tudo rodava num redemoinho de música colorida que só parou quando eu senti o perfume da Paloma dourada em meio toda àquela horda.

E ela me viu e perguntava porquê que tudo a gente gosta é imoral, ilegal ou engorda. E eu respondi que detalhes tão pequenos de nós dois são grandes demais pra esquecer. Mas logo um outro cabeludo apareceu e a levou embora e eu tentei seguir o rastro do seu perfume, até ele desaparecer.

Eu acendi o cigarro, e segui a fumaça na sua rota até uma outra colombina pra espaiar. E o mundo girou ao contrário enquanto todos estavam surdos. E minha cabeça se perdeu entre as serpentinas e as colombinas (e todas me lembravam você).

Quando eu cheguei ao meu portão e meu cachorro me sorriu latindo, eu sorri, meio fingindo que não era nada e torci pra você dizer meu nome pra pessoa errada.

Era domingo, pedindo cachimbo, em outra manhã incendiada.

DOMINGO

Domingo de manhã é um convite ao ócio. Mas pra não perder meu lugar no pódio eu acordo cedo, para não ceder, pra não perder o ritmo, nem o balanço. Mas me canso. Então reviro na cama, amaldiçoando até a alma do outro cabeludo que apareceu e te levou embora. Só deixou o espírito doce do seu perfume dançando uma valsa entre os confetes que caíam na minha cara inchada de bebida e tristeza. E eu me reviro de novo, sentindo a aspereza dessa cama solitária. Levanto e vou me olhar no espelho. Eu tenho um par de brincos na orelha que nem era furada. Achei graça. Peguei uns arames velhos e fiz outro par de brincos pra brincar todo o dia. Peguei minha roupa de havaiano e pinteí umas flores pertos dos olhos. Treinei o sorriso no espelho. Lembrei do cabeludo maldito e murchei dentro do reflexo. Pensei em amor, em ódio, paixão e sexo. Fui pra rua, dançando, cantando, sem nem lembrar de você, do cabeludo, sem psicanálise, sem complexo. Cheguei a mudar de calçada quando vi uma flor e dei risada do grande amor.

Mentira.

Fui dançando num passo falso e fui até bairro com nome de mulher bonita. Desci e subi suas ladeiras, dançando uma valsa sobre seus cabelos. Em algumas das ruas havia tanta gente que choviam pessoas direto do céu, haviam pessoas saindo pelos bueiros, pessoas dentro dos meus bolsos, pessoas até dentro dos isopores tremendo de frio, cheios de gelo. E as pessoas eram tão diferentes, com suas fantasias, seus óculos e purpurinas, que acabaram por se tornarem todas iguais. Sim, não escondo mais, eu estava meio de saco cheio do carnaval. E o sol descansava atrás de uma nuvem de chuva deixando todo o clima meio brocha. Domingo é sempre uma lesma deslizando sobre uma rocha. Então fiquei nessas, até sentir seu cheiro.

Você já chegou me pedindo um cigarro. E eu disse pra você pedir pro seu cabeludo otário. Um silêncio idiota ficou entre nós dois, e eu não soube não ser idiota também. Você disse pra eu não me afobar não, que nada é pra já, meu bem. E deu meia volta sobre os próprios calcanhares, e foi embora, sumindo dentro do mar de pessoas. E eu quis ir atrás de você como os escafandristas procurando o amor, explorando sua casa em um Rio de Janeiro submerso, mas só seu perfume ficou.

Eu bebi o resto da cerveja, fumei outro cigarro e fui embora cedo. Chego na minha casa e o relógio bate estranho na parede. O coração bate estranho dentro da caixa fraca do peito. Eu sinto como se estivesse sujo na pele, nos olhos, por dentro.

Tomo um banho gelado. Tiro toda essa nhaca. Agora já é madrugada.

Já é fato comprovado. Toda segunda-feira te deixa um pouco mais babaca.

SEGUNDA-FEIRA

Eu sou um idiota. Um babaca completo. Eu e minha aptidão pra me tornar um velho bêbado e cheio de arrependimentos. Meu signo em contramão. Eu e minha aptidão. De cagar em tudo. De falar quando devo ficar mudo. De calar quando é preciso ser escutado. De tropeçar no próprio pé, pra depois sofrer como um cão sem fé. Cuspindo nas mãos que oferecem ajuda.

Depois dizendo: Me cuida! Me cuida!

Não aguento ficar nessa cama. Tanto faz, tanto fez, vivo ou morto. Hoje eu não me aguento, hoje eu não me suporto. Hoje começou mal. E ainda é segunda. E ainda é carnaval.

Vou pra rua cedo. Bebo uma pinga no bar da esquina. E vou indo, de esquina em esquina, de bar em bar. Abram a avenida, pierrôs e colombinas, pois minha tristeza vai passar.

Tomo rum, mojito, margarita. Catuaba, Jurubeba, Umburama. Fumo um beck, um Derby, Eight, Nine, Ten. Cantando alto pela tarde inteira. Passo vergonha, carão. Pego um violão, canto teu perfume, tua voz. Teu nome em vão.

Uivam uma vaia. Eu canto mais alto. Mais desafinado. E me tiram o violão.

Arrumo brigas, tretas idiotas. E a noite passa, e a caravana passou, e, pra mim, o carnaval acabou. Não aguento mais essa babaquice e acabo dormindo no asfalto, de cara virada pro chão.

Penso nas rugas de Nelson Cavaquinho. E em tudo que queria cantar pra você, tudo que queria que você visse, tudo que eu queria te dizer. Passei mal. É um dia pra se arrepender.

É madrugada da terça-feira de carnaval. Feliz daquele que sabe sofrer.

TERÇA-FEIRA

Desencana que a vida engana.

Estava lendo isso no livro do Reinaldão. Aquele que ele está em Paris, sabe?

Bom, Tanto Faz pro Abacaxi aqui. Acordei depois do meio dia, no travesseiro de algum meio fio. No horário do Vale a Pena Ver de Novo. E ninguém desse povo teve pena. Cornos.

Na carteira, invés de dinheiro, confete. Muito confete. Sem cartões, só problemas. Olho meus documentos com a minha cara de palhaço. Chega a ser engraçado. Escondida entre as secundas-vias, minha três-por-quatro me repreende. Eu rio, mas ela continua séria. Entre as fotos, uma seda velha. Paro de rir quando vou pedir carona no busão.

Chego em casa. Pego o livro do Reinaldão. Desencana, meu amigo. Desencana que a vida engana. Hoje vou ficar de molho. Vou cozinhar em banho-maria. Queimar em fogo lento. Uma febre terçã.

Hoje, só amanhã.

Durmo de novo, pensando em só acordar no ano novo.

Mas, quando a noite desce o véu, eu ouço um surdo batendo num horizonte distante, do lado de dentro do céu. Tum. E meu coração bate no peito também. Torpedeando toda tentativa de negação. TUM. Minha testa sua e eu ganho a rua, sem perder o tom.

A bateria passa na avenida. A porta-estandarte cumprimenta todos com um sorriso. Seus dentes brancos. Sua roupa azul e branca. A pele morena, misturada no murmúrio da avenida inteira. Pulsando. A avenida vira um ente vivo. Uma serpente marinha de corpos que se espremem entre as calçadas e os navios.

Pulsante. Eu te vejo. Você me vê. Seu olho vermelho. Fecha com a batida do surdo. TUM. A batida seca no pé do ouvido. E seu olho não sai de mim. A saia da passista passa rodando. PÁ. E olha a bateria passando. Só sua presença já é um acontecimento. E o sangue sobe o pescoço. E é tudo vermelho escuro. O brilho sobe pro olho. O brilho amarelo do glitter nas suas maçãs do rosto. É um convite. Pulsante. É um presente. Meu futuro eu vejo no teu olhar cigano. Eu vou ao seu encontro. A bateria para com o som do apito. Meu peito toca um som de piano. O som do silêncio nos preenche. O silêncio é uma enchente que cobre meu coração de estanho.

É a madrugada caindo sobre nossos pés. E é com tuas cores que você me pinta.

É meu espírito renascendo, pulsante como um passista, na madrugada da quarta-feira de cinzas.

poesia

0

Geovanne Otavio Ursulino | Historiador e vive em Maceió. É também editor da Revista Alagunas. Escreve no blog Amorfo Poema.

seguimos em marcha

acordamos transformados
em anões uns barbudos
uns gordos lentos sujos
uns sujos demais

seguimos em marcha
uns atrás dos outros uns sobre
os outros uns deitados com
os outros uns dançando com

os outros q de tão gordos
q de tão lentos q de tão
pequenos parece q nunca
chegaremos ao fim da rua

da curva do fim do mundo
seguimos em marcha
pra lá onde os copos tão
cheios lá onde as garrafas

quebram umas sobre
as outras lá onde podemos
ser anões barbudos sujos
lentos demais uns com os outros

chegaremos lá anões pequenos
demais depois da curva do
fim do mundo lá onde
perdemos o medo

lá onde esquecemos quem somos
uns dançando com os outros
uns deitados sobre os outros
seguimos em marcha

depois da curva do fim do mundo
uns tiram as roupas uns dos outros
uns chupam as línguas uns dos outros
uns lambem os rabos uns dos outros

lá onde as línguas
lá onde os rabos
lá onde as roupas
não são de ninguém

acordamos transformados
em anões seguimos em marcha
lentos demais pra lá onde
seremos sujos gordos barbudos

por uma pequena eternidade
depois da curva do fim do mundo
uns atrás dos outros uns sobre
os outros uns deitados com

os outros uns dançando com
os outros q de tão gordos
q de tão lentos q de tão
pequenos parece q nunca

chegaremos ao fim da rua
lá onde esquecemos quem somos
lá onde perdemos o medo
lá onde podemos ser anões

barbudos sujos lentos
demais uns com os outros
lambendo os rabos uns dos outros
por uma pequena eternidade

Davi Araújo | Nasceu em São Paulo, em 15 de dezembro de 1979. Estreou como poeta em Portugal com *Livro Ruído* (Eucleia, 2011). No Brasil, traduziu *Natureza*, de R.W. Emerson, e *Caminhada*, de H.D. Thoreau (ambos Dracaena, 2011); e publicou prosas poéticas em *Ficções paralelas e Visões para lê-las* (Substância, 2016), com desenhos de Yuli Yamagata. Em 2018, publicará os novos poemas de *O Físsil* (Urutau, no prelo), e talvez ainda outras traduções.

a bisneta de chiquita B

Ver de musa deste arrebol
quando se levanta amarela
amei-a ou tratar de inteira
como sede parada de mão
masturbasse toda a beleza
desta antiaurora existencial
amadurar de ponta-cabeça
a flor o umbigo o coração
até que me despenca o sol
por tardia hora em que da
bananeira que se desplanta
sua sombra se vai embora
serenada noite de carnaval

Valeska Torres | Nasceu no Rio de Janeiro, Marechal Hermes em 1996. Mora em Irajá. Publicou poemas em *Do rio ao mar*, coletânea de poemas, crônicas e contos, na coletânea de poemas da FLUP 2017 e nas revistas *Mulheres que Escrevem*, *Escamandro* e *Mallamargens*. Finalista do Slam das Minas RJ 2017. Foi a única brasileira selecionada para a residência no Festival Internacional de Poesia de Rosário.

nós dois cantando sidney magal na feira de são cristóvão

Para o Fernando

Estação da penha
desemboco perdida na linha de fuga, percebo
— como se percebem os furos de Tatuí na areia de grumari —
o grão de purpurina no fim do carnaval
são quatro por dois isso que inflama o meu peito
não chupo a espinha do peixe,
não como mocotó
mas ainda sonho em me bronzear sob o sol de Ramos
e me banhar no piscinão
ao seu lado
com as mãos entrelaçadas as suas
bebendo itaipava

sou mulher de gostos caros, digo a você enquanto
rasga meu sutiã
gasto
por amaciantes

picho na murada do prédio
seu nome e o meu
para que você saiba o quão merda eu sou
quando apaixonada
meus pais me apontam dedos disseram para não me perder demais
iperigo águas profundas, correnteza e redemoinho!
é tarde,
depois de meia noite
nossos horários são verões
é tarde e estou fudida
porque a foda tem o gosto do meu homem
e disso
os meus lábios não cansam

Andri Carvão | Cursou Artes Plásticas na Escola de Arte Fogo Camargo em Taubaté, na Fundação das Artes de São Caetano do Sul e na EPA — Escola Panamericana de Arte. Graduando em Letras pela USP, publica poemas regularmente na revista online Labirinto Literário, é colunista do site Educa2 e participou da antologia online *Gengibre: Diálogos para o Coração das Putas e dos Homens Mortos* (WordPress) e da antologia de poesia brasileira contemporânea *Além da Terra, Além do Céu* (Editora Chiado).

arremedo de samba-enredo

Trabalho infantil
Turismo sexual
Aqui no Brasil
Virou carnaval

A nau aportou
Assim que Cabral
Índias avistou
Virou carnaval

Tão saradinhas
Vergonhas do mal
São minhas alminhas
Virou carnaval

Tamanho piroga
Tamanho do pau
Joga praga e roga
Virou carnaval

Cabelos em cascata
Floresta tropical
No meio da mata
Virou carnaval

Mulher objeto
Homem cordial
O abuso é afeto
Virou carnaval

Trabalho escravo
Trabalho informal
Sem um centavo
Virou carnaval

Neste arremedo
De samba-enredo
Ai que medo
Samba o latifundiário
Bamba é o empresário
Conta pra mim me conta
Quem vai pagar a conta
Cobre
Do trabalhador
Pobre
Do trabalhador
Ô Isquindô ô isquindô
Mais que dô
Seu dotô
Ô Isquindô lelê ô isquindô lalá
Sim sinhô sim sinhá
Já vou já
Faço já
Levo já
Ô bundalelê oba obá

Vê se deixa de ser bobo
E vem sambar com a Rede Globo
Pão na chapa
Pão com ovo
 Sem cara de tacho
 Manteiga pra baixo
Ô meu chapa
Lavô tá novo

Vai descendo até o chão
Neste nosso ré refrão
E molha a minha mão
Com o salário do patrão
E molha a minha mão
Com o seu troco do pão
E molha a minha mão
Com ou sem arroz e feijão
E molha a minha mão
Com toda a corrupção
E molha a minha mão
Com o dízimo do irmão
E beija a minha mão
E molha a minha mão
E lava a boca com sabão

Aquela
Bela
Da favela
Perdeu o rebolado
Perdeu a chinela
De Cinderela
Pra estrela
Do BBB
Na tela
Da tevê
De rosto rebocado
De plástica e botox
Academia de boxe
Não sabe sambar
Não samba no bar
Só frequenta o barracão
Pra aparecer na televisão
Armação e pirotecnia
A rainha da bateria
É modelo e atriz

Socialite por um triz
Cantora pop
Pode dar Ibope
Mas carnaval de rua
É onde o povo atua

Uma alegria mascarada
De má fama declarada
O Congresso é um puteiro
E o país um pardieiro
Viva a nação desgraçada
Viva o jeitinho brasileiro

Sem saúde
Sem educação
Sem moradia
Sem noção

Hi hi hi
Ha ha ha
É tri é tri é tri
Ratatá
Três vezes colonizado
Aportuguesado
Afrancesado
E americanizado

Ê Brasil eterna colônia
Rico produtor de commodities
Mancomunado e acomodado
Espancado e explorado
Consumidor de importado
Exportador de carne soja
Banana laranja melancia

Milho e trigo em troca
De entretenimento e tecnologia
Chora alegria

O engravatado sentado na grana
Na República dos Bananas
O povo sentado na graxa
Somos todos cucarachas

Oh olha o jatinho riscando o céu
Olha ele aí olha ele ali olha ele lá
Me leva eu Papai Noel
Olha o carrinho do catador de papel

E tu estufa o peito pra dizer
Cheio de querer ser
Que descende de europeu
Come ovo e arrotta caviar
Comeu morreu
Respira pra peidar
Come pra cagar
Panaca
Babaca
Bobo alegre de babar
Baba ovo
Sai do povo
Descendente
De indigente
Degredado
Deportado
Sangue bom ou sangue ruim
Todos sangram tudo rui

O cabelo não nega
O sangue negro
O beijo desprega

O sangue negro
A anca carrega
O sangue negro
Mas nas veias também corre
O sangue autóctone
Mas nos traços também morre
O sangue autóctone

Sangra o negro sangra o índio
Sangra o pai sangra o filho
Sangra a mulher
Sangra a árvore sangra a ave
Sangra o pobre sangra o povo
Só porque você quer

Tráfico de plantas medicinais
De drogas armas e animais
Floresta Amazônica Pantanal
Virou carnaval virou carnaval

A floresta não conhece fronteiras
Esparrama-se Brasil afora
O seringueiro sangra seringueiras
Enquanto o conflito aflora
Eugenia é genocídio é extermínio
Holocausto indígena com patrocínio
A polícia é milícia
Do Estado malícia

Processo de aculturação
Política do branqueamento
Da população a copulação
Miscigena o recenseamento

Ítalo-nipo-germânico-árabe
Fugindo da guerra
Quem sabe sabe
O Brasil é um Paraíso na Terra

Orquestra e arrasta-pé
Caldeirão cultural
Então o gringo viu Tom Zé
E revirou o carnaval

Sagra o negro sagra o índio
Sagra o pai sagra o filho
Sagra a mulher
Sagra a árvore sagra a ave
Sagra o pobre sagra o povo
Ou é ou não é



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo